

# **VIRGÍNIA**

**Peça de Tássio Ferreira**

**Personagens:**

Virgínia

Albertina

Arminda

Arlete

Amália

Maria

**Cenário:**

Uma pequena sala de onde se entrevê a entrada de um quarto. Na sala, uma mesa com seis cadeiras, uma cristaleira, um relógio de parede antigo, uma prateleira na parede com muitos porta-retratos, um oratório com algumas imagens e Nossa Senhora é o destaque; dentro do quarto, pode-se ver uma cama de casal, e um grande quadro com a foto do falecido. A porta que dá acesso à rua fica no lado esquerdo do cenário. No lado direito tem-se uma janela. Ao abrir o pano, luz no plano da direita, a Viúva está sentada na cama, abotoando seu vestido branco.

## 1º. QUADRO

*Arlete pára na porta do quarto e observa a Virgínia.*

**Arlete.** Eu não acredito no que vejo.

**Virgínia.** Me ajuda aqui Arlete, esse botão ficou distante demais, não consigo abotoá-lo.

**Arlete.** Já sei, já sei/

**Virgínia.** (corta) Vinte e um de novembro.

**Arlete.** Você não parou com essa doença?

**Virgínia.** Desde quando amor virou doença?

**Arlete.** Tudo em excesso faz mal. Não bastaram as conversas com o Dr. Praxedes?

**Virgínia.** Prometemos que não iríamos conversar mais sobre isso. Anda, me ajuda aqui com esse botão.

**Arlete.** Não desconverse Virgínia. Mamãe deixou você sob a minha responsabilidade. Você sabe que precisa de tratamento, de acompanhamento médico. Sozinha não irá se curar.

**Virgínia.** Já lhe disse que não sou criança e não estou doente. Será que é possível você abotoar essa última casa?

*Arlete sai para o quarto. Acende a luz.*

**Virgínia.** (empurra Arlete do quarto) Já lhe pedi para não entrar aqui... Ele não gosta. E tampouco acender as luzes. (pausa) As velas estão aí, elas bastam por si só, é mais agradável. (Sai do quarto. Em segredo) Ele gosta do clima furtivo. Você sabe que faço de tudo para agradá-lo.

*Aparece na sala com um vestido branco de renda e voil comprido, com muitos botões nas costas. Detalhes de renda e pérolas. Sobe na cadeira.*

**Arlete.** Eu não posso acreditar no que vejo?

**Virgínia.** Estou realmente deslumbrante, não acha? Como em minha adolescência.

**Arlete.** Amália jogou esse vestido fora. Ou melhor, ela rasgou todo. Você recuperou/

**Virgínia.** (corta) Recuperei nada! Mandei fazer outro igualzinho... O mesmo tecido, mesmo acabamento, do jeito que ele deixou para mim.

**Arlete.** Ah! Mas a Amália não vai gostar de saber disso. E o tecido? Onde conseguiu? Não se vende mais esse tecido aqui na cidade.

**Virgínia.** (Desce da cadeira) A tecnologia está aí! Tem suas peculiaridades e sua negatividade, mas, temos que usar de inteligência, querida Arlete.

**Arlete.** Aqui em casa não tem internet Virgínia! Deixe de conversa descompromissada. Conte logo quem lhe deu acesso. Mamãe pediu aos vizinhos que não emprestasse nada a você, porque todos a conhecem muito bem.

**Virgínia.** (Sorriso) Arlete, você está ficando velha querida, eu te entendo, mas não queira me comparar a você. Sempre fui mais sagaz. Eu sou mulher,

(irônica) e que mulher. Não preciso da estima de ninguém, eu faço a minha movimentar-se, e, está sempre muito bem, obrigada.

**Arlete.** (nervosa, fita veemente Virgínia) Responda o que perguntei apenas! Não quero saber quem está velha. Aliás, a única velha aqui de casa é mamãe. (em outro tom) Eu me cuido muito bem, com meus cremes. (Abalada) Os homens é que não conseguem perceber minha beleza. (altivez) E sei me valorizar, não gosto de me exhibir como você.

**Virgínia.** (Risos) Calma querida Arlete. (pausa. Sussurra) Fale baixo, ele pode nos ouvir, esqueceu? O que vai pensar de mim?

**Arlete.** (sussurra) Virgínia ele está morto! Será que você não consegue colocar isso em sua cabeça.

**Virgínia.** Você não compreende querida Arlete. É como se evoluísse sabe? Ele não é provido de sentimentos sujos como os seus.

*Arlete anda de um lado a outro da sala.*

**Arlete.** Eu só me preocupo com mamãe. Ela não merece essas coisas.

**Virgínia.** Querida, meu vestido, você esqueceu. Estou muito atrasada.

*Arlete puxa Virgínia pelo braço.*

**Arlete.** Quem lhe deixou acessar a internet?

**Virgínia.** Meus perfumes novos.

**Arlete.** Eu não brinco mais Virgínia! Não tenho idade para isso.

**Virgínia.** Eu disse que você tava ficando velha querida. Precisa se tratar com o Dr. Praxedes.

**Arlete.** (bate na face de Virgínia) Cala a boca Virgínia!

*Silêncio.*

**Virgínia.** (Atônita) Minha maquiagem foi toda danificada. Sua grossa!

**Arlete.** Acho bom você falar. Quem lhe deu acesso?

**Virgínia.** Meus perfumes. Eu ia dizer, mas, você e suas grosserias. Eu comprei perfumes novos e os usei.

**Arlete.** Isso não quer dizer muita coisa.

**Virgínia.** Ah... Querida Arlete, quer dizer muita coisa. (sussurrando) Eu também não conhecia o seu enorme poder.

**Arlete.** Continue.

**Virgínia.** Vai fechando os botões que eu vou falando.

*Arlete senta na cadeira e vai abotoando o vestido de Virgínia.*

**Virgínia.** Pois bem, eu encomendei uns perfumes franceses. Acho que comentei isso com Amália. Uma fineza, notas especiais que não se fabricam por aqui. Pensei até que demorariam de chegar, mas não, os correios são eficientes mesmo.

**Arlete.** Poupe-me dos detalhes, preciso saber quem lhe deu acesso.

**Virgínia.** Os detalhes são importantes para o entendimento da coisa. Obrigado querida, ficou mesmo ótimo o caimento! (dá um volta em torno de si mesma)

**Arlete.** Depois você se admira Virgínia, ande...

**Virgínia.** Sim, é que realmente não esperava que apenas por uma foto ela conseguisse reproduzir uma obra fiel a original. Mas, vamos aos perfumes. Chegaram com duas semanas. Nem precisei pagar a mais pela rapidez. Isso é formidável. Quando se aumentam os salários, as pessoas trabalham mesmo felizes, e, logo, despacham as coisas mais rapidamente. Funcionalismo público nunca foi eficiente, mas as greves realmente funcionam. Acho até que vou fazer uma aqui em casa. Preciso conseguir umas coisas. (ri)

**Arlete.** Não desconverse, continue...

**Virgínia.** Pequenos frasquinhos mágicos. Inocentemente experimentei um pouco de cada um deles.

**Arlete.** Como assim? Todos ao mesmo tempo?

**Virgínia.** Sim querida! Isso me passou pela cabeça. Achei que estava enlouquecendo, mas, em pouco instantes, vi que estava certíssima.

**Arlete.** É mesmo louca.

**Virgínia.** Não é loucura Arlete, é sagacidade. Eram 12 frasquinhos.

**Arlete.** Doze? Você misturou doze fragrâncias?

**Virgínia.** Mas é claro. Não é isso que acabo de dizer? Pois bem, as doze formaram uma nova mulher. Assim, dilatada. Eu nem sei como explicar, sei que quando olhei no espelho, realmente não era Virgínia, era uma outra mulher.

**Arlete.** (em secreto) Você guardou bem esses perfumes não é?

**Virgínia.** Muito bem guardados! São relíquias. Custaram uma nota. Não podem cair em mãos erradas.

**Arlete.** (nervosa) Eu fico logo preocupada com a segurança deles. (excitada) Você guardou mesmo em local seguro? Sim, eu digo isso porque seu guarda-roupas não é um bom lugar. (em segredo) Nem a caixinha cor de rosa, nem o cofre de mamãe, todos aqui em casa tem a senha. Ah! Não posso esquecer do baú que foi de papai. Lá também não é um bom lugar, não é mesmo Virgínia?

**Virgínia.** Sim querida! Mas não adianta que não conto o esconderijo.

**Arlete.** (surpresa) Mas eu não disse isso! Que blasfêmia!

**Virgínia.** Conheço bem seus truques. Pois bem, decidi ver na prática o que havia acontecido comigo. Peguei minha bolsa e sai. Nem penteei meus cabelos. Deixei-os a revelia.

**Arlete.** Oh... A revelia? Logo você, que fica horas com a escova sentada nesse sofá.

**Virgínia.** Era preciso ver se o que sentia era verdadeiro. Fiz esse sacrifício. Na esquina seu Marcos me olhava diferente. Não desconfiei. Afinal, seu é mesmo um raparigueiro. Não pode ver um rabo de saia.

**Arlete.** Virgínia, você saiu de saia? Eu não posso acreditar. Suas pernas à mostra.

**Virgínia.** Sei que não sou mais uma menina, mas me cuido. Fazia parte do “plano teste”. Privilégio que poucos puderam conferir. Fui à feira, comprar rabanetes, dizem que é ótimo para pele. Na feira esbarrei em seu Elias, que, imediatamente renunciou a grosseria que ia me fazer, e meu deu uma cesta de maçãs vermelhas pelo incomodo do esbarrão.

**Arlete.** Aquele homem é um mão-de-vaca! Não presta para nada.

**Virgínia.** Não presta para você. Comigo ele foi cordial. Aliás, sempre me presenteia, flores, frutas, coisas. O problema deve ser com você, querida. Tem que se cuidar Arlete.

**Arlete.** (Vira o rosto)

**Virginia.** Continuei em minha empreitada pelos mistérios das fragrâncias. As mulheres perguntavam qual o nome do perfume que usara, eu sorria discretamente, e não revelara a ninguém!

**Arlete.** (vitoriosa) Fez bem! Fez muito bem! Todas umas invejosas!

**Virgínia.** Eu sou esperta querida, não iria estragar tudo.

*Silêncio.*

**Arlete.** Mas eu não vejo o acesso aparecer na estória.

**Virgínia.** Os detalhes são importantes para a compreensão da coisa. Já lhe revelei isso querida. Andei por todas as ruas daqui, e todos admirados. Até que vi um caminhão descarregando uns caixotes perto da casa de dona Palmira. Me aproximei, e perguntei se alguém havia mudado. O carregador apontou na rua, mostrando o tal homem que iria morar ali, na casa da finada Balbina.

**Arlete.** A finada Balbina? Quem alugou a casa? Lisandra não estava em Portugal?

**Virgínia.** Também não entendi. Deve ter voltado e alugado a casa. Ou anúncios em jornais. Existem meios de divulgação eficazes, a internet é um deles.

**Arlete.** Maldita internet!

**Virgínia.** Pois bem, eu já estava indo embora, quando o rapaz do caminhão me grita: - moça, este é o dono da casa! Quando eu virei, deparei com um homem bonito! Olhos verdes, cabelo bem arrumado. Ele, ao me ver, ficou espantado. Eu pensei que estava suja, ou algo parecido.

**Arlete.** Não foi na feira quando você esbarrou com seu Elias?

**Virgínia.** Não! Eu não me sujei. Era o bendito perfume. Ele logo se apresentou. Disse que era jornalista, e que estava morando ali agora, que não conhecia ninguém, se eu não gostaria de tomar um café com ele.

**Arlete.** Você não hesitou... Aceitou na hora?!

**Virgínia.** Arlete?! Eu sou casada! Me respeite. Claro que não, mostrei logo a aliança. Mas ele não desistiu. E por um instante eu me distraí e vi um computador passando nas mãos dos carregadores. Aquilo me despertou um interesse tão grande.

**Arlete.** Nem precisa continuar, está tudo explicado. (em outro tom) Como você é suja. Usou o pobre vizinho em suas armações. Amália precisa saber disso tudo.

**Virgínia.** Eu te peço que não conte querida Arlete. Não faça isso, por mim (beija a aliança) e por ele. Pode pegar mal. Vão pensar que não respeito meu marido, entrando na casa de um homem.

**Arlete.** E de saia! Não se pode esquecer.

**Virgínia.** Nem me lembre isso. Mas ele me respeitou muito. Não foi capaz de fazer graçinhas. Acho que estava hipnotizado.

**Arlete.** Não quero saber. Amália vai ficar sabendo. (dá-lhe os ombros)

**Virgínia.** A menos que eu lhe conte onde guardei os perfumes.

*Silêncio.*

**Arlete.** (esperançosa) Você faria isso por mim?

**Virgínia.** Só se não contar nada para Amália.

**Arlete.** (pega nas mãos de Virgínia) Mas não está certo isso que fez.

**Virgínia.** Também não está certo eu revelar meus segredos a você.

**Arlete.** (apreensiva) Você me coloca em uma situação difícil...

**Virgínia.** No seu caso, eu penso que eles não vão nem reparar as suas rugas querida.

**Arlete.** Rugas? (passa as mãos freneticamente no rosto) Estam tão evidentes assim?

**Virgínia.** Um pouco. Nada que não se resolva com perfumes. Eles não vão reparar.

**Arlete.** Eles quem?

**Virgínia.** Os homens, ora essa.

**Arlete.** (desajeitada) Ai! Eu não tenho certeza se isso vai dar certo comigo.

**Virgínia.** (pretensiosa) Verdade. (examina o rosto as irmã) Será um novo desafio, seu caso é mesmo gravíssimo. Mas, temos que experimentar. Então, estamos acertadas!

**Arlete.** (vira-se de costas) Eu não deveria fazer isso.

**Virgínia.** (pega nas mãos de Arlete) Já fez querida. São escolhas. E não sou mais criança.

*Silêncio.*

**Arlete.** Me diz uma coisa. Ele fica muito tempo em casa?

**Virgínia.** Como assim?

**Arlete.** O tal vizinho novo.

**Virgínia.** Hã? Ah! Sim... sim... Claro! Eu não saberia dizer. Encontro pouco com ele.

**Arlete.** É casado?

**Virgínia.** Como?

**Arlete.** Filhos. Tem filhos?

**Virgínia.** (ri) Calma querida, você terá oportunidade para perguntar pessoalmente.

**Arlete.** Ai! Eu não acredito. Você vai me apresentá-lo? Avisa-me antes, preciso fazer as unhas, cabelos/

**Virgínia.** (corta) Calma querida. Vai dar tudo certo. Ele é um homem educadíssimo. Pode ser a chance de sua vida. Nunca conseguiu um casamento, não é mesmo.

**Arlete.** Você sabe que papai sempre me atrapalhou muito. Mas, isso são coisas do passado. Agora temos outras armas.

**Virgínia.** Isso mesmo querida. (dá uma volta em torno de si mesma) Viva a tecnologia!

**Arlete.** Não! A tecnologia não. Amália não pode saber disso.

**Virgínia.** Isso mesmo Arlete, minha irmã. Amália não pode saber.

**Arlete.** E não vai! (pausa) Me diz uma coisa, qual o nome dele?

**Virgínia.** O nome dele?

**Arlete.** Sim, foi isso que perguntei. O nome dele.

**Virgínia.** (confusa) O nome? Bem... O nome... Francesco. Isso Francesco.

**Arlete.** Italiano?

**Virgínia.** Como?

**Arlete.** Italiano. Ele é Italiano?

**Virgínia.** (risos) Querida. Não fique criando imagens, pode decepcionar-se. Ele é um homem igual a todos.

**Arlete.** Mas ele é Italiano.

**Virgínia.** Não, ele não é Italiano.

**Arlete.** Mas com um nome desses? Só poderia ser Italiano.

**Virgínia.** O pai dele...

**Arlete.** O que tem o pai dele? Não acredito. Ele mora com o pai?

**Virgínia.** Não querida, o pai dele que é Italiano. Dono de uma vinícola lá na Itália.

**Arlete.** Nossa! Deve ter muito dinheiro.

**Virgínia.** Sim! Com certeza.

**Arlete.** O filho jornalista e o pai empresário. Isso é muito bom. Mamãe há de gostar. E quanto aos perfumes?

**Virgínia.** (ri) Que ansiedade! Sempre precoce. Vamos ao meu esconderijo.

*Sai para o quarto.*

**Arlete.** Você não estava atrasada para seu compromisso?

**Virgínia.** Hoje ela vai esperar um pouco. Querida, acho que no seu caso, pela sua idade, terei de dobrar as doses. Isso vai custar caro!

**Arlete.** Não faça cerimônias, eu pago o que for preciso.

*Arlete vai entrando no quarto, após Virgínia; Arlete acende a luz.*

**Virgínia.** Ó, não faça isso. Estragam as notas. E já lhe disse que ele não gosta dessa luz.

**Arlete.** Eu perdôo sua loucura somente nessa circunstância.

**Virgínia.** É preciso que você feche os olhos.

**Arlete.** Para quê?

**Virgínia.** Não faça perguntas.

**Arlete.** Tudo bem. (pausa) Virgínia, em três anos você me deixou entrar no seu quarto.

**Virgínia.** É que agora temos segredos em comum. Somos amigas.

**Arlete.** Somos irmãs, isso não é o bastante.

**Virgínia.** Mas é claro que não! Nem todas as irmãs são amigas. Eu e Arminda somos um bom exemplo.

**Arlete.** Eu não sabia que não era sua amiga.

**Virgínia.** Amiga não briga com a outra, não bate na cara.

**Arlete.** Faço isso para seu bem, você não vê que está perturbada Virgínia? Essa obsessão, as coisas que você diz, as coisas que você fala.

**Virgínia.** (exaltada) Isso não é verdade. (grita) Seu problema é inveja!

*Cai algo no quarto. Silêncio.*

**Virgínia.** Desculpe querido, já vamos sair.

**Arlete.** Virgínia? Posso abrir os olhos?

**Virgínia.** Precisamos sair.

**Arlete.** Eu posso abrir os olhos?

**Virgínia.** É melhor que não veja. Ele não está vestido.

**Arlete.** (sussurra) Virgínia, me tira desse quarto agora!

**Virgínia.** Não tema querida! Ele só quer sua privacidade.

**Arlete.** Cadê você? (silêncio) “pai nosso que estas no céu, santificado seja vosso nome...”

**Virgínia.** Ela já vai sair meu amor! (silêncio). Todo bem, desculpe. (pausa)  
Venha querida, pegue em minhas mãos e não abra os olhos.

*Virgínia entra na sala conduzindo Arlete pelas mãos.*

**Arlete.** Não me faça passar mais por isso, sabe que não gosto de brincadeiras.

**Virgínia.** Mas quem estava brincando? Eu não tenho mais idade para brincadeiras.

**Arlete.** E os perfumes?

**Virgínia.** Ele pediu para ninguém incomodar.

**Arlete.** Nós havíamos combinado que/

**Virgínia.** (corta) Francesco não vai sumir, ele é nosso vizinho.

**Arlete.** Mas isso não pode demorar, olhe só para minha pele? Está cada vez mais ressecada. Eu preciso de casamento.

**Virgínia.** (risos) Amanhã ele estará mais descansado, venha, vamos, a costureira me espera, você irá me acompanhar.

**Arlete.** Você vai sair assim?

**Virgínia.** Estou nua?

**Arlete.** Não!

**Virgínia.** Pois então, assim devo ir.

**Arlete.** As pessoas vão ver o vestido, vão achar que deve uma nova recaída, você lembra das confusões que causou.

**Virgínia.** Não tive recaída porque não estou doente. E falem o que quiser. Elas não são tão amadas quanto eu. Vamos, tenho hora marcada.

**Arlete.** Você disse que ela poderia te esperar.

**Virgínia.** E pode, mas quero aproveitar e te apresentar logo a Francesco.

*Pega nas mãos de Arlete e encaminha-se para a porta.*

**Virgínia.** Ele sai para comprar pão esse horário.

*Arlete pára.*

**Arlete.** Eu não vou!

**Virgínia.** Você está ótima querida. (abre a bolsa) Tome, passe um pouco de blush, para dar mais vida.

**Arlete.** Não sem os perfumes.

**Virgínia.** Então fique. Eu preciso ir.

*Sai e fecha a porta. Arlete corre a abre a porta.*

**Arlete.** (alto) Virgínia! Fala bem de mim para ele.

**Virgínia.** Pode deixar querida! Somos amigas, lembra?

## 2º. QUADRO

Albertina sentada descasca verduras enquanto conversa com Amália que está sentada à mesa, com muitos papéis, pastas, livros.

**Albertina.** Minha filha, eu já resolvi tudo. Deixe isso aí, você trabalha demais, vá descansar um pouco.

**Amália.** A senhora não tem que se preocupar com nada, já disse que enquanto estiver aqui, cuido de tudo.

**Albertina.** E o estrago foi grande, minha filha?

**Amália.** Já resolvi quase tudo.

**Albertina.** Não quero que esconda nada de mim, pela sua cara, sei que não resolveu tudo como diz.

**Amália.** (analisando os papéis) Mas eu não disse que resolvi tudo, Dona Albertina. Resolvi quase tudo. Você tem que se preocupar com seus remédios. Não passar do horário de tomar... Lembre-se do que Dr. Praxedes lhe falou.

**Albertina.** Não sou nenhuma criança. Vocês se preocupam demais comigo, isso me sufoca, minha filha.

**Amália.** (docemente) Só temos você, minha velha. Você é nosso tesouro.

**Albertina.** Eu sei que têm carinho por sua mãe, mas eu preciso viver, ir à feira, conversar com as vizinhas. Eu tenho meus segredos também.

**Amália.** Que segredos mamãe? A senhora? (ri) Pelo amor de Deus.

**Albertina.** Ainda estou viva, sou gente igual a você. Não sou criança. (pausa)  
Até as crianças têm segredos.

**Amália.** Está bem, estão conte o segredo. (satírica) Estou ansiosa.

**Albertina.** Assim não pode. Deixa de ser segredo Amália. Que coisa. Não insista que não posso contar!

**Amália.** Está bem Dona Albertina... (ri discretamente) Prometo que não insisto mais!

**Albertina.** Assim é melhor!

*Entra pela porta Arlete ansiosa.*

**Amália.** Arlete?! O que houve. Está pálida.

*Amália levanta, puxa uma cadeira e acomoda Arlete.*

**Amália.** Sente-se um pouco minha irmã. Me conte, aconteceu alguma coisa?

**Albertina.** Minha Virgem do céu! Fala Arlete! Não me bote nervosa... Deixe de charme.

**Amália.** Eu vou buscar um pouco d'água.

*Amália sai para cozinha. Arlete chora engasgada.*

**Albertina.** E está chorando por quê? Foi o descarado do Elias? Porque se foi ele, eu vou lá agora mesmo. Aquele depravado! Já não bastou engravidar uma menina de 15 anos? Botou a menina para se mudar daqui, com vergonha. Agora fica no assanhamento com minhas filhas também. Um descompreendido. Eu vou lá/

*Albertina levanta.*

**Amália.** (corta) A senhora não vai a lugar algum!

**Albertina.** Elias procurando graça com Arlete. Mas eu vou tirar pergunta. Aquele patife!

**Amália.** Arlete é uma mulher feita. Ela sabe se defender. Ora essa!

**Arlete.** (débil) Não foi seu Elias...

**Albertina.** Então quem foi, minha Virgem?

**Amália.** Se você não fala, ninguém pode te ajudar.

**Arlete.** As contas.

**Albertina.** Que tem as contas?

**Arlete.** Não paguei.

**Amália.** Porque não pagou? A fila estava grande?

**Arlete.** Não!

**Albertina.** E precisa chorar por causa disso? Parece que não cresceu, desde criança que chora assim, sem motivo.

**Amália.** Amanhã você vai de novo minha irmã. O vencimento é até amanhã.

**Albertina.** Na verdade está tudo atrasado. (irritadíssima) Era para ter pago hoje, os juros crescem, e, dinheiro não é capim.

**Amália.** Mamãe! Não deixe Arlete mais nervosa. Beba um pouco d'água, (acaricia Arlete) vai passar. (pausa) Mas ainda não entendo o nervosismo.

**Arlete.** Não foi nada. É que... Deu uma vontade de chorar. (chora copiosamente) Não se preocupem comigo. (enxugando as lágrimas) Sou mesmo boba. Choro por tudo.

**Albertina.** Mas chora, assim, do nada minha filha?

**Arlete.** (infantil) Sim, mamãe.

**Amália.** (ri) Mas isso é possível?

**Albertina.** Então, está doida igual à Virgínia. Ela que chora sem motivos, ri sem motivos. Por falar nisso, cadê Virgínia? Estava com você Arlete. Lembre-se que ela está sob sua responsabilidade.

**Arlete.** Ela já já volta mamãe.

**Albertina.** Você sabe que eu tô velha para ouvir reclamação de vizinho. Por mim, a gente tinha saído daqui. Eu tenho vergonha de olhar na cara das pessoas. Virgínia é minha desgraça!

**Amália.** Mamãe, não fale assim! Ela é sua filha. Saiu de dentro de você. Não amaldiçoe a vida dela.

*Silêncio.*

**Albertina.** Eu não sei o que eu fiz de errado, mas ela nem parece que é minha filha.

**Amália.** Mas é. A senhora tem que amar do mesmo jeito. Ela faz de tudo para chamar atenção, o desamor só aumenta as futilidades de Virgínia.

**Arlete.** Eu estou cuidando dela. Ela está bem esses dias. Eu rezo todo dia pela felicidade dela. Sei lá... Ela casar de novo, acho que pode melhorar as coisas.

**Albertina.** Casar? Ela só quer saber do defunto.

**Amália.** Mamãe? O que é isso?

**Albertina.** Mas não é isso mesmo? Eu falei alguma mentira? Ela não quer saber de homem, só da alma do defunto. Eu deveria ter ouvido Arminda e ter internado essa menina em um convento. Não ia ter essas preocupações em minha mente.

**Arlete.** (olha para o relógio na parede) Mamãe são 16 horas. Está na hora do seu remédio.

**Amália.** Olha aí, a senhora esquecendo de suas obrigações.

**Albertina.** É que essas coisas me tiram do sério.

**Amália.** Já lhe disse que a senhora não tem que sair do sério. Vá tomar o remédio e descansar.

**Arlete.** Não esqueça do colírio.

*Albertina sai praguejando para o quarto. Amália puxa a cadeira e senta frente à Arlete.*

**Amália.** (rude, puxa uma cadeira e senta frente a Arlete) Agora me conte o motivo do choro porque eu não engoli essa história de chorar a toa.

**Arlete.** Você não vai gostar de saber. Eu juro que não tive culpa.

**Amália.** Primeiro você conta e depois se justifica. O que foi que Virgínia aprontou? Pedindo dinheiro de novo na rua? Roubou alguma coisa? Fala Arlete, eu é quem estou ficando nervosa.

**Arlete.** Virgínia está quieta. O problema ainda é maior.

**Amália.** Não, Arlete. Nada é maior do que Virgínia. Estou cansada. Não tenho tempo de viver minha vida. Preciso trabalhar para ajudar no sustento da casa. Você bem sabe que a aposentadoria de mamãe não paga todos os remédios, o plano de saúde, as coisas que ela come. Ainda tenho que arcar com os custos de Virgínia, quando me dá um prejuízo de roubar algo de alguém.

**Arlete.** Quem vê até pensa que Virgínia é uma ladra!

**Amália.** Poderia ser!

**Arlete.** Mas não é! Não fale assim dela. Deve ser a cabeça... Ela é meio desorientada... Mas, ladra não! E você ainda para piorar tomou a pensão do marido dela/

**Virgínia.** (corta) Claro! Comprando charutos para defunto? Vinho, Uísque, Prosecco? Está certo Arlete? Estou cansada das maluquices que ela inventa. No início do mês ela disse que ia comprar uns perfumes.

**Arlete.** (se engasga com a saliva) Perfumes?

**Virgínia.** Sim, perfumes. Eu fingi que não entendi. Perfumes franceses. O finado deve ter pedido para ela comprar.

**Arlete.** Não mexa com essas coisas Amália.

**Amália.** Não tenho medo de nada. Eu preciso de paz. Preciso sair, viver. Tudo me sufoca... Não posso comprar uma roupa.

**Arlete.** Vai melhorar minha irmã. Eu rezo a Deus todos os dias pela sua felicidade.

**Amália.** Tudo um dia cansa.

*Silêncio.*

**Amália.** Se não fosse você e mamãe... Eu não sei!

**Arlete.** Olha... A gente poderia ir à seresta da rua de baixo. Dizem que é muito animada. As pessoas lá/

**Amália.** (corta) Eu não tenho vontade de nada. Só as dívidas chegando: as contas atrasadas, os débitos do apartamento, as coisas de mamãe, suas coisas, os prejuízos de Virgínia.

**Arlete.** Comigo não precisa se preocupar. Meu crochê é pouco, mas o mínimo eu consigo me ajeitar.

**Amália.** Somos uma família. Uma ajudando a outra. Você não teve sorte com emprego. Nada demais ajudar.

*Silêncio.*

**Arlete.** Minha irmã. Vai me dando uma tristeza.

**Amália.** Ou bem eu fico triste ou você Arlete.

*As duas riem. Silêncio. Amália se acalma.*

**Amália.** Mas me conte, o que foi que tava chorando. Mamãe já subiu. Estamos sozinhas.

**Arlete.** (nervosa) Ai meu Deus!

**Amália.** Não se preocupe, estamos aqui juntas e vamos resolver tudo que for possível.

**Arlete.** Temo que dessa vez seja impotente.

**Amália.** Você sabe que sempre fui forte. Se foi alguém que lhe fez mal, é bom dizer, porque resolvo logo.

**Arlete.** O caso não é esse...

**Amália.** É alguma doença, é coisa grave? Está sentindo alguma coisa?

**Arlete.** Se assim fosse, tomaria remédio.

**Amália.** Meu Deus, e que diabo de coisa é?

**Arlete.** Fui assaltada!

*Arlete começa a chorar.*

**Amália.** Minha nossa senhora! Lhe bateram? O que fizeram com você?

*Arlete continua chorando.*

**Amália.** Fala Arlete! Abusaram de você?

**Arlete.** O dinheiro das contas...

**Amália.** Que tem o dinheiro?

**Arlete.** O ladrão levou!

**Amália.** Meu Deus!

*Silêncio.*

**Amália.** Mas levou tudo?

**Arlete.** Tudinho, ainda levou meus documentos, a foto de papai que tava na bolsa.

*Silêncio.*

**Amália.** Onde vou conseguir dinheiro para repor as contas?

**Arlete.** Ai minha irmã, eu sabia que você ia ficar com ódio de mim. Eu sou muito desastrada.

**Amália.** Eu não tô com ódio de você.

*Amália vira-se de costas para Arlete. Silêncio.*

**Arlete.** Minha irmã?

**Amália.** (chorosa) Que foi Arlete?

**Arlete.** Você ficou muda.

**Amália.** (enxugando as lágrimas) Estou pensando minha irmã, só isso, pensando...

*Silêncio.*

**Arlete.** Minha irmã?

*Silêncio.*

**Amália.** Diga, Arlete.

**Arlete.** E as economias que papai deixou no cofre?

**Amália.** Não tinha quase nada. Quando mamãe foi internada, ela foi nossa salvação. Sobrou pouca coisa.

**Arlete.** O pouco com Deus é muito! Eu tenho umas coisinhas guardadas, se faltar, a gente liga para Arminda e/

**Amália.** (corta) Arminda não! Coitada tem os filhos dela, as despesas dela...

**Arlete.** Mas é uma questão séria. Só temos a gente, temos que nos unir. Eu vou lá olhar quanto tem ainda no cofre.

**Amália.** Faça isso minha irmã, faça isso. O vencimento é amanhã, não é?

**Arlete.** É sim! Ânimo! Vai dar certo, por nossa senhora!

**Amália.** Amém!

**Arlete.** Espere, que eu vou buscar.

**Amália.** Eu sempre soube que essa coisa de aluguel não daria certo. As pessoas saem, e acham que devem não pagar. Atrasam o aluguel... E as contas de água, luz?

Amália coloca-se frente a um quadro de Nossa Senhora.

**Amália.** Minha Virgem, dê-me paciência, sabedoria e discernimento, para que possa tomar as atitudes certas, na hora certa. Ilumina meu coração e meus pensamentos. Cuida da saúde de mamãe, e nos livra do mal! Se Deus é por nós, quem será contra nós?

*Silêncio. Arlete entra com uma caixinha de ferro, bem antiga.*

**Arlete.** Minha irmã? Falando sozinha?

**Amália.** Estava orando a Nossa Senhora.

**Arlete.** É sempre bom. (pegando no cofre) Eu não lembro o segredo...

**Amália.** Dá o cofre para cá.

*Coloca o segredo no cofre, o cofre se abre.*

**Amália.** Você está de brincadeira comigo, Arlete?

**Arlete.** Porque você fala assim, minha irmã?

*Amália tira um saquinho do cofre.*

**Amália.** Olha aqui!

**Arlete.** Valei-me minha Santa Bárbara! Um saquinho cheio de pedras?

**Amália.** Cadê o dinheiro Arlete?

**Arlete.** Estava aí.

**Amália.** Eu não estou com tempo para graça.

**Arlete.** Mas eu não estou brincando, Amália, estou tão surpresa quanto você.

**Amália.** (anda de um lado a outro. Joga o saquinho na mesa com força) Para que pegou o dinheiro?

**Arlete.** Eu não peguei, eu falo sério. Que besteira.

**Amália.** Quanto tinha aqui?

**Arlete.** (senta-se na cadeira, frente a mesa) Eu não lembro.

**Amália.** Não lembra?! Foi você que abriu da última vez, e pegou dois mil, para o internamento de mamãe?

**Arlete.** Isso é verdade, mas não me recordo do total... Parece que tinha mil reais, uma coisa assim.

**Amália.** Agora lembrou? Mil reais?

**Arlete.** Eu estou ficando nervosa, minha irmã.

**Amália.** (anda entorno da mesa, cercando Arlete) É para ficar muito nervosa. Cadê o dinheiro?

**Arlete.** Eu já disse que não sei.

**Amália.** Você deu para aquele vagabundo do bar?

**Arlete.** Não fale assim comigo, minha irmã.

**Amália.** Eu lembro que ele veio aqui, te pedir dinheiro.

**Arlete.** Isso tem tempo.

**Amália.** Trouxe até flores, prometendo casamento.

**Arlete.** A gente ia casar.

**Amália.** Ia, mas não casou. Descarado... Comeu nosso dinheiro.

**Arlete.** Não foi o dinheiro daqui de casa.

**Amália.** Olha você assumindo o erro.

**Arlete.** Não assumi nada, eu emprestei a ele um dinheiro meu.

**Amália.** Você é mesmo burra. Empréstou dinheiro?

**Arlete.** Sim, emprestei. Ele precisava terminar de pagar o terreno que ia construir nossa casa. Eu queria casar, minha irmã.

**Amália.** Isso está estampado na sua cara. Fogueteira, atrás de homem. Fazendo tudo, para ter um macho, para apagar o fogo.

**Arlete.** (chorando) Não é isso...

**Amália.** Você confiou naquele bêbado?

**Arlete.** Minha irmã?

**Amália.** Você é mesmo ingênua!

**Arlete.** (chora) Minha irmã? Eu não dei/

**Amália.** (corta) Já entendi Arlete. Ele levou você na conversa. Por isso sumiu daqui.

**Arlete.** Pare Amália!

**Amália.** Pare, por quê? A verdade precisa ser dita. Depois que você pegou nosso dinheiro, ele sumiu. Nunca mais bateu pelas bandas daqui, morto de fome. Todo dia, ele estava aqui, para comer, tomar café e jantar. Podre de cachaça!

*Arlete chora em volume ainda maior.*

**Amália.** Eu sempre confiei em você. Parecia a mais ajuizada. Mas caindo em papo de um cachaceiro descarado?

**Arlete.** O dinheiro foi meu.

**Amália.** Que dinheiro você tem? Desde quando crochê dá dinheiro a alguém? Desde quanto, fazer unhas, e cabelo fez alguém rico? Você nunca teve sorte com emprego. Nunca trabalhou de carteira assinada. Que dinheiro você tem?

*Silêncio. Arlete enxuga as lágrimas.*

**Arlete.** Essa é a verdade que você professa. Eu não sou essa idiota que vocês dizem. Eu tenho meus princípios sim, mas não sou criança. Não sou arrogante igual a você, que quer controlar a vida de todo mundo.

**Amália.** Então, a canção agora é essa? Eu sou arrogante?

**Arlete.** Sim!

**Amália.** Você deveria engolir tudo que está dizendo.

**Arlete.** Porque eu tenho que engolir e você não? É isso que você sabe fazer, jogar as coisas na cara dos outros. Você nunca parece fazer nada de bom coração. Sempre visando uma recompensa. Deve ser por isso que as pessoas se afastam de você, incluindo os homens. (pausa) Nunca vi você namorar com ninguém, nunca, nada. Deve ser por isso a amargura, falta de sexo. Falta de homem. Tem gente que pensa que você gosta da outra coisa. Eu nunca me envolvi, mas já pensei ser verdade. (pausa) Que adianta seu dinheiro, se ele não pode comprar sua própria felicidade?

*Amália enxuga as lágrimas que descem secas.*

**Arlete.** Você deveria orar a Deus para que amolecesse esse coração de pedra. Sempre pronto para atacar todo mundo. Sempre a dona da verdade, a única que faz, a única que sabe resolver, a mais inteligente, a mais estudiosa, a mais bem resolvida financeiramente, e a menos feliz.

**Amália.** (bate com a mão na mesa e grita) Pare! Pare Arlete. Já chega. Eu mereço! Eu mereço.

*Virgínia abre a porta e entra com um vestido rosa e um sacola de papel da costureira.*

**Virgínia.** Lá de fora se pode ouvir a confusão. Mas o que houve aqui?

*Silêncio.*

**Virgínia.** Ninguém vai me contar o motivo da confusão. Amália porque está chorando? Arlete, minha irmã, o que houve?

**Amália.** (enxugando as lágrimas) Nada não, Virgínia. Coisas de irmã.

**Virgínia.** Coisas de irmã? Eu também sou sua irmã, e quero saber. Anda, me conte.

**Arlete.** A gente brigou, mas já passou.

**Virgínia.** Brigaram, mas porque, meu Deus?

**Arlete.** (vira-se de costas) Virgínia, não insista, coisas minha e de Amália.

**Virgínia.** Mas eu tenho que insistir, não posso pensar em minhas queridas irmãs brigadas. Vamos, vamos, está na hora de resolver isso tudo.

*Virgínia pega o cofre de cima da mesa e coloca na sacola de papel que trouxe.*

**Virgínia.** Quero ver um abraço. (pausa) Vocês agora ficaram surdas? Um abraço!

*Amália e Arlete se olham. Nada acontece.*

**Virgínia.** Lembrem de mamãe. Ela não ia gosta de saber que suas filhas estão de mal. Acho bom pensar numa reconciliação. A vida continua, e os obstáculos precisam ser vencidos.

**Amália.** Logo você, vem nos dizer isso?

**Virgínia.** Eu, sim! Eu sempre resolvo minhas diferenças, não fico guardando mágoas. Os médicos já disseram que não faz bem para saúde. Nesse ponto, puxei a mamãe.

**Arlete.** (débil) Eu sou uma devota de Santa Bárbara, e meu coração não tem espaço para amargura. (levanta e abre os braços em direção a Amália) Eu te perdô, minha irmã.

**Amália.** (ri) Perdoa? Eu não lhe pedi perdão.

**Virgínia.** Amália? Não faça maus modos. Por favor, vamos, abrace Arlete.

**Amália.** É muito fácil, você magoar as pessoas e, depois tudo se resolver num abraço.

**Arlete.** Eu lhe digo o mesmo. Mas para as pessoas de Deus, isso é possível, sim.

**Virgínia.** Faça um esforço, Arlete às vezes não sabe o que diz.

**Arlete.** Eu sei muito bem o que disse.

*Pausa. Arlete e Amália se olham. Amália abraça Arlete que reage indiferente.*

**Virgínia.** Pronto. Missão cumprida. Agora já posso me retirar.

*Virgínia pega a sacola e sai.*

**Arlete.** (cortante) Virgínia? Volte aqui. Cadê o cofre?

**Virgínia.** Cofre?

**Arlete.** Sim, estava em cima da mesa, vi quando pegou e colocou na sacola.

**Virgínia.** Ah! Claro, claro, ia guardar lá dentro.

**Arlete.** Começa a falar sobre os perfumes.

**Amália.** Arlete?

**Arlete.** Deixe que resolvo. Vamos, Virgínia. Já sabemos que você pegou o dinheiro do cofre para comprá-los.

**Virgínia.** Você prometeu que não ia contar.

**Amália.** Prometeu?

**Arlete.** Prometi, mas não sabia que você tinha pego as economias que papai deixou. Amália gostaria que confirmasse a ela que foi você que pegou, e, para comprar perfumes.

**Amália.** (senta na cadeira atônita) Eu não acredito!

**Virgínia.** Ele sempre falou dos perfumes, mas nunca pode comprá-los. Você tomou a minha pensão, eu não tive alternativa. Tive que pegar emprestado. Mas vou devolver.

**Amália.** (Impetuosa) Devolver? Você não tem dinheiro!

**Virgínia.** (Infantil) A pensão.

**Amália.** (excitada) Ah! Virgínia... Eu não acredito. (Num crescente) Você pegou o dinheiro para comprar perfume para um espírito?

**Virgínia.** Não foi para ele, é para eu usar.

**Amália.** (Segura forte nos braços de Virgínia) Você é louca! Estamos cheias de dívida. O inquilino saiu do apartamento de mamãe devendo três meses de água e luz, fora o aluguel. Você sabe o que é isso? Não temos onde tirar esse dinheiro.

**Virgínia.** (débil) Usa a pensão.

**Amália.** (sacode Virgínia) Mamãe esteve internada! Você não imagina o quanto gastamos. Três veias entupidas, operação, remédios, exames. Sua P.E.N.S.Ã.O está segurando os gastos. Mas você continua indo ao salão, com roupas novas da costureira, enquanto eu e Amália, esquentando o juízo para arcar com seus caprichos. Eu não agüento mais, eu não agüento mais!

*Arlete tira Virgínia dos braços de Amália.*

**Arlete.** Calma Amália, assim não resolve nada.

*Albertina desce as escadas e entra na sala.*

**Albertina.** Mas que confusão é essa? Virgínia fez o que?

**Amália.** Mamãe, suba. Não foi nada demais. Arlete foi assaltada. Mas, está tudo bem.

**Albertina.** Arlete, minha filha, venha cá, que mundo desgraçado. (abraça Arlete) Todo dia agora é isso, a gente não tem sossego. Misericórdia, meu Deus, que a gente não pode nem botar a cabeça na rua que é chuva de balas. Eu vi na televisão, semana passada morreram foi dez pessoas, em assalto. Isso me bota logo nervosa.

**Amália.** Pois é, mamãe. Realmente a coisa está séria, mas não é motivo para a senhora ficar nervosa. Deus é grande! Arlete está bem. Só levaram uns trocados.

**Arlete.** E o susto, não é minha irmã?!

**Albertina.** Quantos foram, minha filha?

**Arlete.** Foram dois. Vamos lá em cima que eu te conto minha velha, tem que colocar o colírio, está na hora. (saindo) Não esqueça de ligar para Arminda, minha irmã. Lembrar a ela que Rosaura da farmácia mandou lembranças...

*Arlete pisca um olho, como quem combina um segredo.*

**Albertina.** (pára no caminho) Rosaura, foi? Que coisa boa, elas nunca se entenderam. Ela até agradeceu quando Arminda se mudou!

**Amália.** Vai entender a cabeça desse povo. Por isso mesmo, devo ligar e contar a boa nova a Arminda. Ela vai ficar boquiaberta.

*Saem Arminda e Arlete conversando. Amália olha veemente para Virgínia. Esta tira da sacola o cofre, coloca em cima da mesa, baixa a cabeça e entra no quarto.*

### 3º. QUADRO

Amália, Arlete e Albertina estão sentadas à mesa, ansiosas à espera de Arminda. Muitos doces, bolos, sucos, uma mesa farta. Todas bem vestidas e perfumadas. A porta do quarto de Virgínia está fechada. Arminda bate a porta. Amália levanta voraz, abre a porta e recebe a irmã com um forte abraço.

**Arminda.** Quanto tempo Lia!

**Amália.** Minha irmã! Só assim para nos ver-mos.

**Albertina.** (bufando) Uma situação horrível para sua irmã vir aqui. (em outro tom) Mas que Deus abençoe esse momento. Venha cá, minha filha, dê um abraço nessa velha.

**Arlete.** Mamãe, não aperte muito ela. Deixe um pouco para mim!

*Todas riem.*

**Amália.** Sente aqui. Descanse um pouco.

**Arminda.** Isso tudo é para mim?

**Arlete.** Ficamos até tarde preparando tudo para você.

**Albertina.** Eu também ajudei.

**Amália.** (ri) Claro, mamãe. A senhora ajudou sim! Parece criança, minha irmã. Está assim. (pausa) Agora anda cheia de segredos.

**Arminda.** (outro tom) Deixa os segredos de mamãe quietos.

**Albertina.** Que tem eu? Começou a fuxicaria? Nem bem chegou?

**Arminda.** (ri) Não mamãe, é saudade! Só isso. Muitas coisas para contar. (pausa) Mas, me digam: (em outro tom) cadê a outra?

**Arlete.** Está trancada tem 3 dias, eu coloco a comida aí na porta. Ela pega, e depois se tranca. Eu ouço ela conversando com ele todo dia. Ontem ela gritou muito. Depois silenciou.

*Arminda sente um arrepio. O seu corpo estremece. Seu olho muda de estado. A luz da casa muda, aos poucos se instaura outra atmosfera.*

**Amália.** Arlete! Pare de encher Arminda de preocupação. Nem bem chegou.

**Arlete.** Ela perguntou, eu respondi.

**Albertina.** Mas ela é assim, num agüenta com a língua. Uma tristeza. Desde pequena. Que milagre não perguntou de presentes, porque do jeito que é interesseira... Eu não sei... Só porque viu a irmã entrando com muita sacola. Pare com isso Arlete, que mania.

**Arminda.** Eu trouxe presente para todo mundo. Ou melhor, nem é presente, é só uma lembrança. Coisa simples.

**Albertina.** Minha filha, para que foi se incomodar? (pausa) Dê cá o meu logo, que eu não aguento de curiosidade.

*Todas riem. Arminda distribui os presentes. Albertina fica entretida com seu embrulho.*

**Arlete.** Mamãe, depois a senhora diz que eu sou a interesseira. Aí, ó, o interesse. A senhora está demais. Arma a conversa toda para Arminda dizer o que fez, ou deixou de acontecer. Que coisa horrível.

**Amália.** (rindo muito) Você não sabe como é mamãe? Que coisa, está ficando igual à criança.

**Arlete.** Eu diria: pior do que criança!

**Arminda.** Ai, vocês não mudaram nada. Amália sempre apaziguadora, Arlete destrambelhada. (pausa longa) Sinto saudades de tudo isso.

**Albertina.** Num é que eu tava precisando mesmo de uma sandália nova? Que coisa gostosa, macia de calçar. Você adivinhou, minha filha! Que beleza! Vou lá guardar, porque Arlete calça o mesmo número que eu, já viu né?

**Arlete.** (sisuda) Virou para meu lado!

*Albertina sai para o quarto.*

**Arminda.** (para Amália) Eu trouxe o dinheiro. Acabei de passar no banco e tirei. Agora eu não entendi muito bem: Virgínia comprou perfumes franceses e roubou o dinheiro de papai para comprar?

**Amália.** Pois é, ela está louca, minha irmã. Cada semana é uma coisa pior que a outra. Um dia desses, eu encontrei ela bebendo sozinha uma garrafa de Prosecco, noutro dia, vi uma garrafa de Uísque aberta, dois copos e gelo. Perguntei para ela, ela disse que foi o finado que pediu.

**Arlete.** Os lençóis de seda cor de rosa? Conte a ela...

**Amália.** Essa é de matar! Ela não tinha dinheiro, entrou na casa da vizinha e pegou um jogo de cama da mulher, novíssimo, nem tinha usado. Todo de seda, e colocou na cama.

**Arlete.** A mulher descobriu que foi ela, veio bater aqui na porta. Fez o maior escândalo, mamãe quase morre do coração.

**Arminda.** (ri)

**Amália.** Você ri, porque não passa o que a gente passa.

**Arminda.** Eu me mudei, justamente para não me envolver com tudo isso, você sabe?

**Amália.** Vamos mudar de assunto.

**Arlete.** E foi por isso que se mudou?

**Arminda.** Vamos deixar o passado de lado. Você não falou dos perfumes.

**Amália.** Eu vou chegar lá. O inquilino do apartamento de mamãe, simplesmente fugiu, não pagou três meses de aluguel, água e luz. Entupiu a pia do banheiro o ralo do banheiro, pia da cozinha, jogou cimento em tudo! Quebrou a casa toda.

**Arlete.** O pessoal disse que era envolvido com drogas.

**Arminda.** Desgraçado! Se eu tivesse aqui, matava!

**Amália.** Pois é, fez essa desgraceira na casa toda. Ainda não tivemos como consertar para alugar de novo. As contas de água e luz exorbitantes chegaram semana passada, quando ligamos para você. Arlete ia pagar um mês, para aliviar os juros, foi assaltada.

**Arlete.** Uma coisa horrível minha irmã, não desejo a ninguém.

**Arminda.** A coisa é pior que pensava.

**Arlete.** Muito pior.

**Amália.** Arlete lembrou do cofre de papai, que tinha uns trocados que sobraram daquele período do internamento de mamãe. Foi pegar para pagar as contas e eles não estavam lá.

**Arlete.** Virgínia pegou para comprar os benditos perfumes.

**Amália.** Pegou, não! Roubou!

**Arlete.** Calma, Amália...

**Arminda.** Mas eu avisei para internar num convento, me chamaram de bruxa, de desgraçada. Aí, a coisa está assim... (anda de um lado a outro) Mamãe nunca me ouviu, sempre colocando panos quentes. Depois eu sou a estourada, a incompreensível. Tudo de ruim! (pausa) E para que ela quer esses perfumes franceses?

**Amália.** O finado pediu, e ela comprou. Arlete sabia de tudo e não nos contou.

**Arminda.** Arlete? Eu não acredito! Só podia ser...

**Arlete.** Eu não sabia de tudo, eu não sabia que ela tinha comprado com o dinheiro do cofre. Para mim, era o dinheiro dela, da pensão...

**Amália.** Pensão? Você sabia que eu tinha tirado dela a pensão, não sabia?

**Arlete.** Sei lá, uns trocados que ela poderia ter guardado. Nunca me passou pela cabeça que ela faria isso.

**Arminda.** Está tudo explicado. Mamãe também é maluca, quando deixou uma doida, tomando conta da outra.

*Albertina desce as escadas e entra na sala.*

**Arlete.** Você também vai me ferir, Arminda? Já bastam as barbaridades que Amália me disse. Eu não vou agüentar!

**Amália.** E estou cansada de tudo!

**Albertina.** Já estão brigado, minha virgem?! O que foi?

**Amália.** Não, mamãe. Eu estava contando a ela as coisas do finado.

**Albertina.** Cuidado que sua irmã sente as coisas. Daqui a pouco, já viu né?

**Arminda.** Eu me curei disso mamãe. Depois que fui embora daqui, nunca mais senti nada. Acho que era influência da rua. Tem dona Maria que mexe com essas coisas. Eu nunca gostei, a senhora sabe.

**Albertina.** Eu não tenho medo de nada. Sou como um touro.

*O relógio da parede marca seis horas. A noite entra gélida pela janela. Virgínia começa a cantar no quarto.*

**Em off Virgínia.**

“Se você quer ser minha namorada

Ah, que linda namorada

Você poderia ser, se quiser ser

Somente minha, exatamente essa coisinha

Essa coisa toda minha

Que ninguém mais pode ser...

Você tem que me fazer um juramento

De só ter um pensamento:

Ser só minha até morrer...”

*Arminda vai desfalecendo.*

**Amália.** Arminda? Minha irmã? Segura, Arlete!

**Albertina.** O que foi minha gente? Eu num disse...

**Arlete.** Ai minha Santa Bárbara, eu sabia que não era para falar essas coisas.

**Amália.** Arminda? Minha irmã? Acorde!

**Albertina.** Mais agora, que começou. Valei-me, minha virge!

*Arminda vai acordando do desmaio. Seu corpo ainda trêmulo, pega um copo de água que Arlete lhe dá.*

**Arminda.** Temos que rezar. Rezar muito.

*Amália inicia uma rezadura, todas acompanham. A música de Virgínia fica em volume ainda maior.*

**Todas.** “Deus, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade, dai a força àquele que passa pela provação, dai a luz àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade! Deus, dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso. Pai, dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, e ao órfão o pai!”

*Virgínia começa a dar gargalhadas cada vez maiores. Pode-se sentir um cheiro forte de perfume, bem doce. Arminda chora enquanto reza. Virgínia grita. Vai à direção da porta do quarto de Virgínia e bate, implorando para que abra. Nada acontece. As mulheres seguram Arminda que cai desfalecida.*

**Albertina.** Liga para Maria, manda ela vir aqui, minha filha. Ande.

**Amália.** (no telefone gaguejando, muito nervosa) Alô? Dona Maria? Tudo bem? Aqui é Amália, filha de dona Albertina. Sim, sim. Tudo mais ou menos. Arminda

veio visitar a gente, e está passando muito mal. Sim, venha. A gente espera a senhora. Aquilo mesmo. Muito obrigada.

*Amália desliga o telefone.*

**Arlete.** Amália ela disse que não gosta de Dona Maria, dessas coisas que ela mexe.

**Albertina.** Mas a precisão não escolhe, minha filha. E então, Amália?

**Amália.** Está vindo.

**Albertina.** Temos que continuar a rezar. Ela mora aqui do lado... Logo, logo chega. Arlete vá lá no fundo e arranque umas folhas de aroeira, guiné e arruda. Traga aqui, que ela vai rezar Arminda. Depressa.

*Amália e Albertina rezam, enquanto esperam a rezadeira. Arlete volta com as folhas, coloca-as na mesa e se posiciona próxima a Arminda.*

**Arlete.** Mamãe, olha a cara que ela tá? Igual daquela vez que dona Cotinha faleceu. A senhora lembra?

**Albertina.** Deve ser as coisa ruim que encosta e fica assim. (Olha para Amália) Pare de chorar Amália, Deus é com a gente! Ela vai ficar boa.

**Amália.** Eu sei minha mãe!

**Albertina.** Então, pare de fica dando espaço para as coisa ruim. A mente tem força. Sua irmã vai ficar boa. Dona Maria tem esse poder que Deus deu a ela. Não tem erro.

**Arlete.** Dona Cotinha, ela não conseguiu ajudar.

**Albertina.** Dona Cotinha, num tinha mais jeito, né Arlete? Aquilo era coisa feita.

**Arlete.** Só falei, para senhora vê que Dona Maria não é Deus.

**Albertina.** E eu disse isso, Arlete?

*A Rezadeira bate à porta. Arlete se assusta com a batida na porta.*

**Arlete.** *(Assusta-se com a batida. Faz sinal da cruz) Deus é mais!*

**Albertina.** Deixe que eu abro, segure ela, cuidado com a cabeça Amália.

*Maria entra.*

**Maria.** Senti lá de baixo. Virgínia, não é?

**Albertina.** Ela mesma, minha filha. Está aí, trancada tem três dias. Não come, não bebe. Arminda chegou e... Pegou alguma coisa nela.

**Maria.** Tem umas folhinhas de aroeira aí?

**Albertina.** Tudo em cima da mesa. Três folhas, que Arlete tirou.

**Maria.** Tava de corpo limpo, minha filha.

**Arlete.** O que?

**Maria.** Corpo limpo?

**Albertina.** Essa daí tem uns tempos que não vê homem. Tá limpo sim, Maria.

**Maria.** Tem que tirá ela dessa parede. Afastá ela do quarto. Coloca na cadeira. Sim, é melhó. Me dê um copo d'água. E vela, aqui tem?

**Albertina.** Amália, lá no meu quarto, em cima da mesinha.

**Maria.** Isso foi o egum do marido de Virgínia que trouxe essa carga. Eu vou reza ela, vai melhorá. Agora... Tem de ter fé. Se a filha num tem, a mãe tem que puxá a energia. Eu sozinha num consigo. E vocês tudo que tá aqui, tem de me ajudar.

*Maria começa a rezadura:*

Salvo estou, salvo estarei,  
salvo entrei, salvo sairei,

são e salvo como entrou  
nosso senhor Jesus cristo no  
rio Jordão com São João Batista.

Na Arca de Noé eu entro, com a  
chave do senhor São Pedro  
eu lhe tranco.

A Jesus de Nazaré eu lhe entrego,  
com as três palavras do credo Deus lhe fecha.

Deus na frente, paz na guia, que  
Deus seja sua companhia, o  
divino Espírito Santo ilumine os  
seus caminhos, te livrando de  
todo mal e inimigos que possam se  
opor no seu caminho, que as  
sete forças do credo fechem seu  
corpo. Jesus é minha trindade  
para sempre, amém! Jesus

**Maria.** Como é o nome dela todo?

**Albertina.** Arminda Prado de Carvalho Lopes.

*Maria fala baixinho no ouvido de Arminda.*

**Maria.** Arlete, despache essa água lá fora, minha filha.

**Arlete.** (Olha desconfiada para a mãe)

**Albertina.** Vai, minha filha. Joga na rua.

*Arminda vai despertando.*

**Maria.** Dá um café quente, sem açúcar. Para esquentar o corpo. Tá gelada, coitada.

**Amália.** (pega nas mãos de Arminda) Você está bem minha irmã?

**Arminda.** Vou ficar.

*Arlete sai para cozinha.*

**Maria.** (segura o rosto de Arminda) Minha filha, você tem que se cuidar. Você é “média”. Você sente as coisas, recebe as energia tudo. Tem que fazer suas oração, ter mais fé. Num digo que tem que se envolver com nada. Não! Não, é isso. Mas o mundo espiritual é igual a aqui. Tem de tudo.

**Arminda.** Mas eu não consigo segurar. Eu fui desfalecendo.

**Maria.** (abraça Arminda) Eu sei, minha filha. Eu sei.

**Albertina.** E agora, Maria?

**Maria.** Isso que eu fiz não vai adiantar. Tem que mandar esse egum para fora da casa. É ele que tá fazendo a arenga aqui dentro.

*Arlete volta com uma bandeja com xícaras, uma garrafa térmica e uns biscoitos.*

**Arlete.** (Vai colocando café nas xícaras e servindo todas) Eu sabia, sempre soube. Mas... Virgínia não vai aceitar.

**Arminda.** Ela não tem querer. Dona Maria, a senhora consegue afastar o espírito dele daqui?

**Maria.** Conseguir, eu consigo. Agora, eu temo pela saúde de Virgínia. A moça pode endoidar de vez.

**Arlete.** Ela já não bate bem da bola.

**Amália.** Arlete?

**Albertina.** Tem médico para que? Depois conserta. Eu não aguento mais essa perturbação.

**Maria.** Então, a gente começa. Mas tem que tirar ela do quarto.

**Arminda.** Se ela não sair, a gente arromba a porta.

**Amália.** Não é para tanto. Eu vou conversar com ela.

#### 4º. QUADRO

Virgínia está sentada à mesa, conversando com Amália. Arlete observa tudo escondida, junto a Albertina e Arminda.

**Amália.** Virgínia é como eu te disse, vai ser uma festa linda. Sim... Comprei até um vestido novo para mim.

**Virgínia.** Eu não sei... Arminda está aí, você sabe que a gente não se dá muito bem...

**Amália.** Arminda está com saudades de mamãe. Vai ficar em casa. Vamos nós duas apenas! Como nos velhos tempos.

**Virgínia.** Morro de saudades... Às vezes, parece que sou sozinha nessa casa. Só tenho ele, e... Sei lá, nem parece que tenho família...

**Amália.** Pare de pensar besteiras, minha irmã. As coisas são difíceis mesmo, mas tem que passar. Somos do mesmo sangue.

**Virgínia.** Mesmo sangue?

**Amália.** Isso mesmo, por quê?

**Virgínia.** Besteira. Isso significa que você me perdoou pelos perfumes?

**Amália.** Não confunda as coisas. Não vou te condenar a vida toda, mas não posso carregar a cruz da amargura pela vida toda.

**Virgínia.** Mas é isso que eu sempre digo.

**Amália.** É que às vezes, percebemos as coisas tarde demais. Digo isso por tudo.

**Virgínia.** Não vi essa mudança que você diz. Arlete está aí, isolada. Você continua com raiva dela. Sou a mais nova, mas percebo as coisas.

**Amália.** Já conversei com Arlete. É tudo uma questão de tempo.

**Virgínia.** Se você diz...

**Amália.** Não tem erro!

**Virgínia.** E meu vestido?

**Amália.** Você tem tanta roupa... Porque não vai com aquele vestido amarelo?

**Virgínia.** Velho demais, não combina com minha bolsa nova/

**Amália.** (corta) Bolsa nova? Você/

**Virgínia.** (corta desconsertada) Calma minha irmã. Digo nova, porque só usei uma vez. Não andei comprando nada.

**Amália.** Acho bom.

**Virgínia.** Outra coisa... Não quero encontrar com Arminda. A gente poderia se arrumar na casa de Elisângela.

**Amália.** Não vai ser preciso. Ela sai daqui a pouco com Mamãe, vão visitar Tia Linda.

**Virgínia.** Fico mais tranqüila. Não é que sinta ódio dela. Mas ela só sabe me esculhambar, me chamar de louca, mimada. Eu estou tão bem, que não quero me envolver com a energia dela agora.

**Amália.** Tudo resolvido. Já podemos ir?

**Virgínia.** Só o tempo de pegar as coisas e Arminda sair.

**Amália.** Hoje eu quero ver se arranjo uma paquera.

**Virgínia.** Minha irmã... Preciso lhe apresentar os perfumes franceses. Pode ser sua chance.

*Arlete deixa cair alguma coisa, Virgínia olha desconfiada.*

**Amália.** (em outro tom) Não Virgínia! (respira profundamente e olha para trás) Prefiro ir sem truques. Se arranjar um homem, tem que saber quem sou. Não gosto de mentiras.

**Virgínia.** Até parece que sou a fada da Cinderela.

*As duas riem.*

**Virgínia.** Você continua sendo Amália... Só... Que... Com outra vivência. Entende?

**Amália.** Isso é moderno demais. Vamos logo. Vou lá em cima separar a roupa. Você adiante. Nada de saias, hein?

**Virgínia.** Essa coisa de saias deu uma confusão... Ele quase me mata!

*Amália olha confusa.*

**Virgínia.** Vou de vestido minha irmã, e bem comprido!

*Virgínia entra no quarto e Amália sobe as escadas. Arlete, Arminda e Albertina entram na sala.*

**Arminda.** Vocês viram a que ponto chega a louca, por um cadáver?

**Arlete.** Nem fala essas coisas. Me arrepiei toda.

**Albertina.** Vocês duas calem a boca. É nossa chance. Liga para Maria e diz a ela que pode vir. Amália está com medo, foi até bom essa história. Agora você, Arminda, tome logo o mingau de cachorro, para ver se ganha força. A coisa vai ser preta. Você é médium, como Maria falou, piora tudo.

**Arlete.** Eu fico sem entender. Uns dizem que é bom ter médium na família, que ajuda na hora de resolver as coisas.

**Arminda.** Eu não quero entender nada. Vai Arlete, liga logo, para ver se acaba com essa agonia.

**Albertina.** (empurra Arlete com a bengala) Vai menina! Gosta de criar enredo. Nem parece minha filha.

**Arlete.** Vocês me fazem de gato e sapato! (pegando o telefone) Alô? Dona Maria? Sim, Arlete. Já está pronta? Como a senhora sabia? (olha com estranhamento para as duas) Disseram a senhora? Claro, claro! Ela está saindo com Amália. Daqui a uns minutinhos... Está bom! A gente espera a senhora! Amém!

**Arminda.** E aí?

**Arlete.** (faz sinal da cruz) Deus é mais, num que ela já sabia?

**Albertina.** Ela vê as coisas, ouve, tem as entidades dela.

**Arlete.** Foi isso mesmo. Ela disse que o elegbara, o espírito disse, que as meninas iam sair, que era para ela vir!

**Arminda.** E vocês ainda querem médium na família? Uma perturbação mental! Tô fora.

*Amália desce as escadas com sacolas e bate na porta do quarto de Virgínia. As outras três se escondem.*

**Amália.** Virgínia? Vamos?

*Virgínia abre a porta.*

**Virgínia.** Já peguei tudo! Vamos...

*Saem rindo, cochichando. As três saem do esconderijo.*

**Albertina.** Agora é esperar Maria e pedi a Deus que esse defunto suma dessa casa.

**Arminda.** Parando para pensar, deve ser ele que tá trazendo azar para aqui. Tudo de ruim acontece!

**Arlete.** Você disse tudo, Arminda. Quem tá de fora, pensa que é conversa da gente.

**Albertina.** Coisa vai ser quando Virgínia voltar.

**Arminda.** Ela nem vai se dar conta.

**Arlete.** Como ela não vai se dar conta, se ela conversa com o defunto, bebe com ele, se arruma para ele, faz tudo para ele.

**Albertina.** Tudo o que?

**Arlete.** Ah mamãe, sei lá... É mania de dizer.

**Albertina.** Ah... Pensei...

**Arminda.** Vocês duas se merecem!

**Albertina.** Pegou o terço que lhe dei Arminda?

**Arminda.** Tá aqui, no pescoço.

**Albertina.** Acho bom!

*Maria bate na porta, chega cheia de sacolas. Albertina abre a porta.*

**Albertina.** Ajudem Maria com as sacolas!

**Maria.** Demorei muito, Albertina?

**Albertina.** Que nada! Você é pontual.

**Arlete.** Dona Maria, posso lhe perguntar uma coisa?

*Maria vai colocando os ingredientes na mesa: folhas, velas, panos, pratos de barro, quartinhas de barro, grãos, pólvora, e tantos outros materiais de limpeza espiritual.*

**Maria.** Diga minha fia.

**Arlete.** Quando ela chegar, ela vai saber que ele foi embora?

**Maria.** Vai sim!

**Arlete.** (faz sinal na cruz) Minha Santa Bárbara!

**Maria.** Ela vai sofrê! Depois passa...

**Arminda.** Nada é para sempre.

**Arlete.** Só o amor...

## 5º. QUADRO

*Silêncio na casa. Amália chega com Virgínia. Somente algumas velas no chão, frente ao oratório, iluminam o ambiente. Madrugada fria... Deixam as sacolas no sofá. Amália se despede da irmã com um abraço. Virgínia entra no quarto, tudo em silêncio. Começa a cantar minha namorada, baixinho. Chama pelo falecido. Pode-se ouvir um riso suave. Silêncio. Ouve-se o estourar de uma champagne. Velas são acesas no quarto. Ela deita na cama, a porta do quarto aberta. Volta cantando... Chama o falecido. Silêncio. Sorri. Bebe a champagne, sensual. Tira a roupa e veste um hobby de seda vermelho que estava*

*pendurado num cabideiro de chão. Volta a deitar na cama. Chama o falecido, nada acontece. Silêncio.*

**Virgínia.** Você não quer hoje? Hein... Diz para mim... Eu estou como você gosta... (pausa longa) Você ficou chateado porque fui à festa com Amália? (pausa longa) Mas eu não bebi, me comportei. Meus olhos só tinham espaço para sua imagem! Não importa onde eu vá, o que eu faça, com quem eu ande, o que eu coma, vista, seja, sinta... No fim, a música que eu ouço é a sua voz, flamejando, quente... Me inflama. (pausa longa) Porque esse silêncio todo? (pausa) Meus olhos estão fechados. Só esperando você se despir. E vir me despir... (ri. Bebe um gole da champagne) Estão dormindo, vem... (silêncio) Já posso abrir os olhos? Você não me diz nada? Está fazendo surpresa, é? Você sabe que eu fico louca com isso, não sabe. (pausa longa) Vou abrir o olho? Quero ver seu corpo, e senti-lo junto ao meu, quente, sua pele, seus pelos, seu cheiro.

*Senta-se na cama, tira o hobby, sutiã, calcinha, deita nua, e inicia uma dança deitada, com as pernas envoltas pelo lençol de seda cor de rosa. Solta os cabelos, derrama champagne sobre os seios. Levanta voraz. Abre os olhos.*

**Virgínia.** Cadê você, meu amor? (levanta e procura pelo quarto) Eu não sinto mais seu cheiro, não ouço mais sua voz, não sinto sua presença. Cadê você? Não brinca assim comigo... Você sabe que eu fico louca.

*Chama por ele, faz evoluções na cama. Procura em todos os cantos, debaixo da cama, armário. Pára na porta do quarto ofegante.*

**Virgínia.** Você me deu uma canseira. Me deixou toda molhadinha... (ri) De suor! Mas poderia ser de outra coisa... Eu quero você agora. Sem cerimônias, e você sabe que eu não estou mais brincando, vem! Vou gritar! Você odeia quando eu grito. Vou acordar todo mundo! (pausa) Você duvida? Então aparece logo! (silêncio. Escorrega pela porta do quarto e senta no chão) Você não quer hoje? Você não vem nem me dar boa noite? (silêncio) Eu não sabia que ia se irritar porque eu saí. Eu não saio mais. Me perdoe. (pausa) Vem

agora. (silêncio) Você está aqui? Eu não sinto seu cheiro, não ouço sua voz...  
Você foi embora? Não vai voltar?

*Começa a chorar num crescente. Ouve-se um barulho lá em cima.*

**Virgínia.** (soluçando) Me diga o que eu fiz. Prometo não mais fazer. Me diga, me fale. Fale comigo...

*Canta na fricção da música e do choro. Abre a janela da sala. A neblina entra, a noite vai sendo rasgada pela manhã suavemente. Ela se debruça na janela. E... Espera.*

“Se você quer ser minha namorada

Ah, que linda namorada

Você poderia ser, se quiser ser

Somente minha, exatamente essa coisinha

Essa coisa toda minha

Que ninguém mais pode ser...

Você tem que me fazer um juramento

De só ter um pensamento:

Ser só minha até morrer...”

*Virgínia interrompe a música e chora em volume maior!*

**Virgínia.** Ahhhh! Cadê você! Me diga, o que eu fiz, fale, anda. Me diga...  
Porque, porque meu Deus! Sempre fiz tudo...

*Amália desce as escadas voraz. Logo atrás, vem Arlete, Arminda e Albertina, que é a última a chega no local. Amália ao ver a situação, entra no quarto, pega o hobby de Virgínia e coloca sob o seu corpo.*

**Amália.** O que houve, minha irmã? Porque chora assim...

**Virgínia.** Ele foi embora. Me deixou, minha irmã.

**Amália.** Ele quem?

**Virgínia.** Não se faça de desentendida que você sabe quem é! Tudo culpa de Arminda, sabia que ela ia desgraçar minha vida. Sempre foi a sina dela... Me insultar, me tratar mal, tirar a minha felicidade. Já não basta a herança desgraçada da infância?

**Arminda.** O que você quer Virgínia.

**Arlete.** Calma Arminda.

**Virgínia.** (sai para a sala) Eu que pergunto, o que você quer! Quer me deixar sozinha, na lama, podre! Me diga. Sempre você quis isso...

**Arminda.** Você é louca. Como pode, depois de três anos de morto, você ficar nessa paranóia por esse homem. Grande coisa ele foi.

**Virgínia.** Meu marido!

**Arminda.** Grande coisa!

**Virgínia.** Grande coisa mais é meu! Todos têm direito de escolha, eu fiz as minhas. Você não tem nada que interferir.

**Arminda.** Casamento armado por mãe, para livrar você da falação do povo.

**Virgínia.** Não interessa a você, nem a ninguém. Eu amava ela.

**Arminda.** Amava ele, mas deu para um moleque, emprenhou, e tava perdida no mundo.

**Amália.** Arminda, deixa isso para lá.

**Virgínia.** Eu sempre fui independente. Nunca liguei para o que os outros dizem, sempre fui dona de meus atos. Foda-se o mundo!

**Albertina.** (seca) Virgínia, vá se vestir. Ande, deixe de presepada!

**Arlete.** Calma mamãe.

**Virgínia.** Você cale sua boca, que não tem moral nenhuma nessa casa.

**Albertina.** Me respeite! Sou sua mãe, lhe pari.

**Virgínia.** Grande coisa é abrir as pernas e deixar nascer. Um fruto indesejado.

**Amália.** Isso não é verdade Virgínia.

**Virgínia.** Conta Arminda, a verdade para todo mundo! Acaba de vez, de me desgraçar. As meninas querem saber.

**Arminda.** (desconsertada) Não sei do que você está falando.

**Virgínia.** Sabe bem... Minha rejeição! As viagens de papai.

**Albertina.** (gaguejando) Eu vou ligar para Dr. Praxedes.

**Arlete.** A essa hora mamãe?

**Albertina.** É uma precisão, sua irmã endoideceu!

**Virgínia.** Nunca estive tão certa de meu juízo. Fala Arminda. Conta o que você ouviu, e viu!

**Arminda.** Estou farta de suas loucas.

**Virgínia.** Talvez eu seja mesmo louca. Tantos remédios para me matar, tantas rejeições, maldizeres, deve ter me deixado mesmo louca.

**Arminda.** Virgínia?

**Virgínia.** Elas precisam saber!

*Cai a hobby do corpo de Virgínia, Amália corre para vesti-la.*

**Amália.** Agora eu quero saber!

**Arlete.** Amália, mamãe tá passando mal. Acode!

**Virgínia.** Não aguento mais sofrer sozinha! Tudo sempre ficou nas minhas costas, todos esses anos. A justificativa é sempre fácil: loucura! Nela se apoia muita desgraça! Casei sim, porque estava grávida, de um filho que você matou, Arminda! Me deu aquele chá, a pedido de mamãe! Meu filho, você tirou de mim! (acaricia a barriga) Minha jóia preciosa!

**Arminda.** (arrependada) Não foi porque eu quis, mamãe me obrigou!

**Virgínia.** Já passou pela sua cabeça se você ficasse sem seus filhos?

**Arminda.** (aperta o coração) Não quero pensar nisso.

**Virgínia.** Mas deveria.

**Albertina.** Foi para seu bem, minha filha. Mamãe não fez por mal.

**Virgínia.** Cala a boca, que você nunca me amou!

**Albertina.** (grita) Você queria passar pelo que passei?

**Virgínia.** Não compare as coisas.

**Albertina.** (senta na cadeira) Eu sofri muito, todos os anos de minha vida. Nunca me perdoei.

**Virgínia.** Isso é problema seu.

**Albertina.** Quis tirar sim, mas não consegui. Você nasceu! E o mundo inteiro parecida que me olhava diferente.

**Virgínia.** O mundo não tem culpa de sua descarração!

**Amália.** Pare Virgínia!

**Arminda.** Ela não merece!

**Virgínia.** Eu mereço ser a bastarda? Ser a rejeitada, a menos amada, a indesejada? (silêncio) Você não sabe o que é sofrer!

**Arlete.** Eu te amo, minha irmã.

**Virgínia.** Você não sabe de nada, Arlete. É a mais pura, uma coitada!

**Amália.** Eu posso entender essa história.

**Virgínia.** Mamãe, sua filha preferida quer saber a verdade que você esconde todos esses anos.

**Albertina.** Não me pessa isso, minha filha.

**Virgínia.** Não pode mais esconder.

**Albertina.** Deixa isso para lá.

**Virgínia.** Agora, que eu estou sozinha? Prefiro sofrer tudo de uma vez só.

**Albertina.** Eu que pedi a Maria para tirar o encosto daqui.

**Virgínia.** É mesmo de seu feito. Me tirar única coisa que me dava força para viver.

**Arminda.** Você está obssecada!

**Arlete.** Foi para seu bem.

**Amália.** Tudo vai ficar ficar bem!

**Virgínia.** Porque, porque tudo comigo! Já não basta! (cai de joelhos) Eu queria ter morrido, não ter nascido, ter escorrido como sangue que muitas vezes desceu pelas suas pernas. Como as lágrimas que muitas vezes rolaram pelo seu rosto. Como os gritos que muitas vezes você dava na janela e todos da rua ouviam. Eu queria... Isso doer menos. (pausa longa) Se ele tivesse aqui, do meu lado...

**Albertina.** (crescente) Não me maltrate! Eu não quis... Eu não planejei. Elias. (Para as as filhas) Foi Elias. Ela é filha de Elias!

**Amália.** (rememorando, imaginando os fatos) Por isso...

**Arlete.** (conclui) Ele nunca maltratou Virgínia.

**Arminda.** Acabou! Vamos dormir, está amanhacendo!

**Virgínia.** Ele sempre me amou. Ainda que distante! Sempre esteve ali, na espreita.

**Amália.** Mamãe? Porque? Nos diga...

**Arlete.** Era nas viagens de papai?

**Arminda.** Vamos deixar isso para depois.

**Virgínia.** Pare de botar panos quentes, Arminda.

**Amália.** (vai abraçar Virgínia) Minha irmã!

**Virgínia.** Não preciso da pena de ninguém. Sobrevivi até agora!

*Sai para o quarto, fecha a porta. Albertina chora copiosamente.*

**Amália.** Arminda, porque nunca nos contou?

**Arminda.** Porque não era preciso.

**Amália.** Eu entederia melhor Virgínia.

**Arlete.** Se eu soubesse, nem tinha ajudado a botar o falecido para fora.

**Arminda.** Eu não queria saber, mas eu vi, quando Seu Elias contou a Virgínia que ele era seu pai.

**Albertina.** Ele não podia ter feito isso comigo.

**Amália.** A senhora que não poderia ter feito isso.

**Albertina.** Vocês vão me condenar, também? Já não basta meu sofrimento?

**Amália.** Deixo isso para Deus. Cada um saber onde termina seu direito e começa sua penitência. Não espera isso...

**Arlete.** Será que eu também não sou filha de Seu Elias? Olha bem para minha cara?

**Amália.** Essa pinta sempre foi duvidosa.

**Arminda.** Cala a boca, não piora as coisas.

**Albertina.** Eu nem sei explicar se era carência, sei lá... Ele vinha muito aqui em casa, trazer as frutas que seu pai deixava paga. As vezes, não tinha dinheiro, para pagar as frutas, nem para comprar pão! Era ele que ajudava. Vocês não sabem nem a metade da minha labuta.

**Amália.** Nada justifica!

**Albertina.** Quando se tem filhos, as coisas mudam. Vocês chorando de fome. Eu não aguentava ver minhas filhas pedindo comida, seu pai viajava, eu não sabia quando ele voltaria... Arlete toda vida doente! Meu peito seco, sem leite, seca por dentro, e por fora! Conta de luz vencida... Eu não tinha cara de ir na rua.

**Arlete.** Você se vendeu? Por causa da gente?

**Albertina.** (silêncio) Prefiro morrer como um cuzcuz, abafado no fogão!

Virgínia sai do quarto, com o vestido branco de voil, com detalhes de renda e pérolas. *Traz em sua mão, os 12 frasquinhos de perfume, uma garrafa de uísque, prosecco, cerveja, champagne, chocolates, charutos, taça. O cabelo preso, bem alto, com fios puxadinhos. Maquiagem mal feita, borrada pelas lágrimas. Uma garrafa de álcool. Senta-se na porta do quarto, e seu vestido se abre pelo chão, formando uma grande roda branca. Abre as garrafas de bebidas em cima do vestido, coloca um pouco de cada coisa na taça. Acende um charuto. Abre a garrafa do álcool. Todas param atônitas e observam a cena. Enquanto fala, ela derrama os doze frasquinhos no álcool.*

**Virgínia.** Toda mulher, sempre espera, no fim de sua vida uma outra mulher. Sim, ela espera encontrar aquela mulher, que vai te realizar, que vai

proporcionar momentos incríveis, inenarráveis. Toda mulher esperar encontrar essa mulher dentro de si mesmo. Sim, quando nos encontramos, nos completamos. Nossa essência... Nem todas conseguem isso ao longo de sua vida. Muitas enlouquecem, mudam seu humor, amarguram pela vida inteira. (silêncio) Eu consegui encontrar essa mulher dentro de mim, ele me ajudou! Fui muito amada. Esse amor não se encontra assim... (silêncio) somente em uma vida. Eu acho que fui feliz, enquanto durou. Não existem limites para amar. Acho que isso não ficou claro na cabeça de vocês. Elias é a prova, me amou à distância, mas a mesma distância não impediu seu amor, a situação comprometedora, não impediu seu amor, os problemas, não impediram seu amor. Assim, segue com meu eterno amor. Apesar da vida nos pregar peças, nosso amor continuou. Para gente, o limite, talvez fosse à matéria. Porque, para o espírito, não existem fronteiras! Eu fui incompreendida, por amar! Fui incompreendida por estar ressentida por um amor frustrado de minha mãe. O amor está sempre na iminência dos acontecimentos. Pela existência ou inexistência.

*Pega o último frasquinho de perfume e milimetricamente, enquanto fala, derrama no álcool, enquanto fuma o charuto.*

**Virgínia.** E o amor, ele nunca pode ser gélido! Nunca... Ele é sempre quente, inflama, e às vezes, ele rompe os limites cívicos, ele rompe os preconceitos. Ele está aí para ser vivido, para superar tudo. Dentro de cada um de nós, existe uma essência. Um perfume próprio. Nem sempre sentimos o cheiro dele, vez ou outra, nos é mostrado esse cheiro, ou nós mesmos descobrimos como o

passar dos anos, nossa tal essência. O amor... Ele é o tempero final. Ele cela o que há de melhor em cada nota, em cada fragrância que é misturada dentro da gente. Ele torna tudo mais duradouro, mais suave, mais envolvente.

*Coloca o charuto num canto. Derrama gradativamente o álcool pelo seu corpo. Todas ameaçam agir, mas voltam a seu lugar.*

**Virgínia.** Eu quero sentir eternamente aquilo que há de bom em mim. O que há de ruim também, os tons amadeirados, os cítricos, os doces... Ah... Esses são sempre os melhores... Se sente de longe! E como a essência é única, assim como o amor de uma vida. Que a lascividade das chamas espalhem pelo ar, que a alma sinta o que ficou, e brevemente ele vai sumir... Mas, que seja eterno enquanto dure!

*Pega o charuto e fuma seu último trago! O sol invade a janela e se mistura as chamas!*

**Cai o pano!**

Entre dezembro de 2009 e março de 2010, com muito sofrimento.

